

Bestseller Nº 1 do New York Times

GLENNON DOYLE MELTON

«Épico!»

ELIZABETH GILBERT  
autora bestseller de *Comer, Orar, Amar*



# GUERREIRA DO AMOR

UMA INCRÍVEL HISTÓRIA REAL  
DE SOBREVIVÊNCIA, FÉ, CORAGEM E TRIUNFO  
SOBRE AS DORES MAIS PROFUNDAS

nascente

*Para a avó Alice,  
cujos dedos dançaram sobre aquelas contas  
e me trouxeram Maria.*

*Não tenho medo... nasci para fazer isto.*

JOANA D'ARC

# PRELÚDIO



**E** stá quase na hora. Eu e o meu pai estamos de pé, na extremidade de uma longa passadeira branca que foi desenrolada esta manhã sobre a relva recém-cortada. O jardim da infância do Craig está transformado pelo início do outono e pela promessa que este dia contém. Os meus ombros estão desnudos e sinto um arrepio, por isso levanto o rosto na direção do sol. Semicerro os olhos; o sol, as folhas e o céu fundem-se num caleidoscópio azul, verde e laranja. As folhas, o meu futuro marido, as nossas famílias sentadas com as suas fadiotas elegantes, e eu... estamos todos a transformar-nos noutra coisa. Estamos a tornar-nos novos. É um dia de transformações.

Esperamos que a música comece a tocar para encetarmos a curta e eterna caminhada em direção ao Craig. Observo-o, parado no fim da passadeira, bonito, jovem e nervoso. Ajusta

a gravata, une as mãos diante do corpo, depois enfia-as nos bolsos. Ao fim de algum tempo volta a tirá-las e pressiona-as contra os flancos, como um soldado. Parece desligado, e sinto o desejo de ir até ele e segurar-lhe as mãos inquietas. No entanto, as minhas mãos encontram-se ocupadas: uma está na mão do meu pai e a outra sobre a minha barriga. Sou uma ponte entre o meu passado e futuro. Enquanto observo o Craig, os convidados voltam-se para me observar. Sinto-me envergonhada com a atenção que recebo — uma fraude, como se estivesse a fingir ser uma noiva. O meu vestido está demasiado apertado na cintura e tenho pestanas falsas, uma tiara de brilhantes e sapatos com uns saltos enormes. Estou mais mascarada do que vestida, mas uma noiva deve ter este aspeto e desde o dia em que decidi ficar sóbria e ser mãe tenho tentado tornar-me aquilo que devo ser.

A nossa música começa e o meu pai aperta-me a mão. Olho para o seu rosto. Ele sorri.

— Aqui vamos nós, querida — diz.

Põe o seu braço em torno do meu, e todo ele me ampara. Começo a sentir tonturas enquanto avanço com o meu pai, então desvio os olhos para a minha irmã. Ela está de pé à esquerda do pastor, num vestido vermelho flamejante. Tem o cabelo apanhado, as costas muito direitas e a sua certeza é uma torrente que afoga o meu medo. Se há alguém no comando aqui, é ela. Sorri-me e o seu olhar calmo e firme diz: *Se continuares a andar, estou aqui para ficar do teu lado. Se te virares e desatares a correr, irei seguir-te e nunca olharemos para trás. Faça o que fizeres agora, irmã, estás bem. Eu estou aqui. É isto que ela me tem dito desde que nasceu. Estás bem. Eu estou aqui.*

Continuo a andar. Quando chegamos ao fim da passadeira, o pastor pergunta:

— Quem entrega esta mulher?

— A mãe dela e eu — responde o meu pai. Pousa a minha mão na do Craig, que lhe pega porque é o que deve fazer. Então o meu pai afasta-se e eu e o Craig estamos voltados um para o outro, de mãos dadas. As nossas mãos tremem. Olho para baixo e pergunto-me qual de nós vai amparar o outro. Precisamos de uma terceira pessoa para acalmar as nossas mãos. Olho para a minha irmã, mas ela não pode ajudar-me agora. Não há terceira pessoa. O casamento é isto.

Quando chega o momento de dizermos os nossos votos, digo ao Craig que ele é a prova de que Deus me conhece e me ama. O Craig acena com a cabeça e depois promete pôr-me antes de todos os outros durante o resto da sua vida. Olho-o nos olhos e aceito a sua promessa em meu nome e do nosso bebé.

— Declaro-vos marido e mulher — diz o pastor.

Está feito. Sou uma nova pessoa. Sra. Melton. Espero ser melhor agora. Espero tornar-me melhor. Essa é a esperança de todos os presentes no jardim.



*Quis escrever a história do meu casamento. Da primeira vez que a escrevi, comecei pelo dia da cerimónia, porque foi quando pensei que o casamento começou. Esta suposição foi o meu grande erro.*

*Voltaremos ao dia do meu casamento e a toda a terrível magia que se seguiu, mas, por enquanto, comecemos pelo princípio. É a nossa única escolha, por acaso.*



# PRIMEIRA PARTE





# 1



**F**ui amada. Se o amor pudesse evitar a dor, eu nunca teria sofrido. O meu álbum de criança, encadernado a couro com a palavra *Glennon* gravada na capa, contém um poema longo escrito pelo meu pai e fotografias da minha mãe feliz a segurar a minha mão rosada com uma pulseirinha. Sobre o meu nascimento, o meu pai escreveu:

*Não foi realmente*

*um choro*

*Aquele primeiro som*

*Foi uma fanfarra*

*A anunciar uma maravilha*

*Que nunca*

*Será*

*Repetida*

*Não há lençóis de cetim*

*Não há criadas  
Nem emissários com joias  
Nem trombetas ou proclamações  
Onde estão eles?  
Não sabem o que  
Aqui aconteceu?!  
Uma princesa nasceu.*

Eu era amada. Tal como a minha filha é amada. E, no entanto, uma noite ela sentou-se na beira da minha cama, olhou para mim com os seus grandes olhos castanhos, e disse: — Sou grande, mamã. Sou maior do que as outras meninas. Porque sou diferente? Quero ser pequena de novo.

As suas palavras soaram entrecortadas, como se ela detestasse dizer-me aquilo, como se tivesse vergonha de revelar a sua verdade oculta. Abarquei as suas lágrimas, os seus totós, o *gloss* nos seus lábios e a terra nas suas mãos — sem dúvida por ter trepado à figueira-de-bengala no nosso jardim. Tentei procurar uma resposta digna dela, mas não encontrei nada. Tudo o que eu tinha aprendido sobre corpos, feminilidade, poder e dor desapareceu assim que ouvi a minha menina dizer a palavra *grande*. Como se grande fosse a sua maldição, a sua condição irrefutável, o seu segredo, a sua queda em desgraça. Como se grande fosse algo a desdobrar-se inevitavelmente *dentro dela* a ameaçar a sua ligação ao mundo.

A minha filha não estava a perguntar: Como vou lidar com o tamanho do meu corpo? Estava a perguntar: *Como vou sobreviver sendo este tipo particular de pessoa neste tipo particular de mundo? Como consigo ficar pequena como o mundo quer que eu fique? E se eu continuar a crescer, como irá alguém amar-me?*

Olhei para a minha filha e não disse: *Mas tu não és grande, querida*. Não era, mas eu também não era. Nunca fui grande na minha vida. Não importa. A minha filha e eu prestamos atenção. Sabemos o que o mundo quer de nós. Sabemos que temos de decidir se devemos permanecer pequenas, caladas e descomplicadas, ou sermos tão grandes, barulhentas e complexas como é o nosso destino. Cada rapariga deve decidir se é verdadeira consigo própria ou verdadeira para com o mundo. Cada rapariga deve decidir se quer ser adorada ou lutar pelo amor. Ali na cama, com os seus totós e a sua dor, a minha filha era eu — a criança que fui em tempos, a mulher que sou agora, ainda a tentar responder às perguntas: *Como posso ser expansiva e livre e ainda assim ser amada? Vou ser uma senhora ou vou ser totalmente humana? Confio no desabrochar e continuo a crescer, ou fecho tudo isso dentro de mim para me encaixar?*



Tenho 4 anos e o meu pai é treinador de futebol na escola secundária do bairro. Os jogos são à noite e a minha mãe embrulha-me num casaco macio, mais o tapa-orelhas e as luvas. Quando termina, ajoelha-se à minha frente e admira o seu trabalho. Está satisfeita. Leva as mãos às minhas bochechas, puxa o meu rosto para o dela e beija-me o nariz. Juntas, agasalhamos a minha irmã mais nova, a Amanda, num macacão para a neve. A Amanda é a nossa boneca, e eu e a minha mãe passamos o dia a agasalhá-la e a despi-la. Quando ela está vestida, revezamo-nos a beijar-lhe as bochechas enquanto ela esperneia e se ri, com os braços esticados para os lados como uma estrela-do-mar.

Metemo-nos na nossa carrinha, vamos até à escola e ouvimos o barulho das folhas a estalar sob as nossas botas durante a caminhada em direção ao estádio. Enquanto subimos as escadas cobertas com restos de pipocas, o som do tambor da banda enche-me o peito, o cheiro a cachorros quentes enche-me os pulmões e o rugido da multidão enche-me a cabeça. A noite está cheia de caos, mas a minha mão enluvada encontra-se em segurança na mão da minha mãe e ela guia-me para a frente. Quando chegamos à entrada, as senhoras dos bilhetes sorriem, pousam as mãos sobre os seus corações e exclamam: «Que coisinhas mais lindas!» Fazem-nos sinal para entrar, porque somos as miúdas do treinador, por isso não temos de pagar. A mãe e eu sorrimos às senhoras, dizemos *obrigada*, e juntamo-nos à multidão sob os holofotes brilhantes do estádio. Quando nos veem, alunos e pais calam-se e afastam-se. Aparece um caminho. A reação do mundo à beleza da minha mãe é uma reverência silenciosa. Quando as pessoas a veem, fazem uma pausa e aguardam, cheias de esperança, até que o seu olhar pouse nelas. O seu olhar pousa sempre. A minha mãe demora-se com as pessoas. Os desconhecidos dão-lhe atenção e ela retribui. É uma rainha que reina com bondade. É por isso que as pessoas olham. Olham porque ela é linda, mas olham fixamente porque ela é amor. Estou sempre a estudar a minha mãe e sempre a observar as pessoas que observam a minha mãe. «Que criança tão bonita», dizem desconhecidos à minha mãe todos os dias. Tenho de aprender o que fazer, porque a beleza é uma responsabilidade. As pessoas esperam muito dela, ao que parece.

A minha beleza infantil é visível nas fotografias: canudos castanho-dourados até à cintura, pele de porcelana, um

sorriso tão vasto como o horizonte e luminosos olhos cor de avelã. Quando os desconhecidos me admiram, tento retribuir a sua atenção. Compreendo que a beleza é uma forma de bondade. É para dar, e tento ser generosa. Numa tentativa de manter o equilíbrio, os meus pais recordam-me muitas vezes que sou inteligente. Comecei a ler muito cedo e, aos 4 anos, converso como uma adulta. Mas em breve percebo que ser inteligente é mais complicado do que ser bonita. Os desconhecidos aproximam-se e fazem-me festas no cabelo, mas quando falo com eles com confiança e clareza, os seus olhos arregalam-se e eles recuam. São atraídos pelo meu sorriso, mas repelidos pela minha ousadia. Recuperam rapidamente, rindo, mas o afastamento está feito. Senti isso. Eles queriam adorar-me e eu compliquei as coisas, imiscuindo-me na experiência que têm de mim. Começo a perceber que a beleza aquece as pessoas e a inteligência as arrefece. Também percebo que ser amada pela beleza é uma situação precária para uma menina. Anos mais tarde, quando me tornar menos bonita, quando já não tiver canudos para acariciar ou uma pele perfeita para admirar, quando já não for pequena, simples e querida, como serei digna de oferecer ou receber amor? Perder a minha beleza será como cair em desgraça, deixando-me inútil. Será como se eu não tivesse cumprido o prometido e toda a gente ficasse desiludida comigo. Sem beleza, o que me resta para aquecer as pessoas?

Mas, por agora, nós as três ainda somos perfeitas. Sentamo-nos na bancada e torcemos pela nossa equipa. Quando o jogo acaba corro para o campo porque o meu pai está à minha procura, sempre à minha procura. Corro pelo meio das pernas dos jogadores em direção ao meu pai e ele

levanta-me acima da sua cabeça. Os jogadores afastam-se para nos dar espaço. Nós giramos até as luzes do estádio e a multidão se misturarem e o mundo se tornar um borrão indistinto. A única coisa clara é o meu pai abaixo de mim. Ele pousa-me e enquanto recupero o equilíbrio vejo que a minha mãe e a minha irmã se aproximaram de nós. À medida que se aproxima, a minha mãe emana todo o seu brilho para o meu pai. Ela é mais brilhante e mais poderosa do que todas as luzes do estádio juntas. O meu pai abraça-a e depois pega na nossa bebé estrela-do-mar e beija as suas bochechas. Nós os quatro somos uma ilha. Esta celebração acontece depois de cada jogo, quer ganhemos ou percamos. Nós somos a vitória do meu pai. Viramo-nos e avançamos através da multidão — não mais uma ilha, agora um desfile — e as pessoas sorriem e acenam, e nós os quatro damos as mãos e cantamos o cântico de apoio à equipa durante o percurso até à carrinha.



Tenho 10 anos e estou a tentar desaparecer no canto do sofá de veludo na sala da minha avó. Os meus primos perseguem-se de assoalhada em assoalhada, um tornado de gritos e pele. É verão e a maioria está em fato de banho, como se isso fosse fácil. Os seus corpos são leves e franzinos e eles parecem flutuar e mudar de direção de forma sincronizada, como um todo — como um cardume. Brincam juntos, mas brincar exige uma perda de vergonha e embaraço e a união exige uma sensação de pertença. Não possuo nenhuma das duas, então não posso juntar-me a eles. Não sou um peixe. Sou pesada, solitária e individual, como uma baleia. É por isso que continuo afundada no sofá e observo.

Quando estou abraçada à minha tigela de batatas fritas, que já está vazia, e lambo o sal dos dedos, uma tia passa e repara em mim. Olha de mim para os meus primos e pergunta:

— Porque não queres brincar, Glennon?

Notou que não pertença ali. Sinto-me envergonhada.

— Estou só a ver — respondo.

Ela sorri e, num tom amável e divertido, diz:

— Gosto da sombra que tens nos olhos.

Levo a mão ao meu rosto quando me lembro da sombra roxa que a minha prima Caren me aplicou naquela manhã. Na viagem de carro da nossa casa na Virgínia até ao Ohio, a excitação encheu-me o peito porque aquele seria o ano em que eu regressaria uma rapariga diferente. Durante essa viagem, a Caren iria pintar-me, transformar-me em alguém parecido com ela, a cheirar como ela, a mover-se como ela. Iria tornar-me de novo bonita. Então, naquela manhã, sentei-me no chão do quarto da Caren rodeada de ferros para encarcolar o cabelo e maquilhagem, à espera de ser transformada. Quando ela terminou, ergueu um espelho e eu tentei sorrir enquanto o meu coração se afundava. As minhas pálpebras estavam manchadas de púrpura e as minhas bochechas de cor-de-rosa, mas eu continuava a parecer-me comigo a usar a maquilhagem da minha prima. E é por isso que a minha tia parece divertida em vez de impressionada.

— Ia agora tirá-la — respondo com um sorriso.

Pouso a minha tigela e levanto-me do sofá.

Subo as escadas da minha avó, entro na casa de banho e tranco a porta atrás de mim. Decido tomar um banho de imersão, porque a banheira é o meu esconderijo. Ponho a água a correr e as vozes lá em baixo desvanecem-se. Quando

a banheira está cheia, dispo-me, enfio-me na água e fico a boiar algum tempo. Então fecho os olhos e afundo-me na banheira. Abro os olhos para o meu mundo subaquático — tão silencioso, tão distante, tão seguro. O meu cabelo gira em torno dos meus ombros e levanto a mão para lhe tocar. Parece seda, e imagino que pareço exatamente uma sereia aqui em baixo. Venho à superfície encher os pulmões de ar e depois volto a mergulhar. Por fim, a água arrefece, então eu deixo-a escorrer lentamente pelo ralo e vejo o meu corpo reaparecer. Ali está ele de novo. Nunca consigo impedir-me de reemergir. Começo a sentir-me cada vez mais pesada contra a banheira de porcelana, como se a gravidade estivesse a aumentar exponencialmente, como se estivesse a ser sugada em direção ao centro da terra. A água tem apenas alguns centímetros de altura e as minhas coxas estão abertas e são enormes e pergunto-me: *Haverá outra rapariga no mundo tão grande? Já alguém se sentiu assim tão pesada?* Estou presa ao fundo da banheira vazia — nua, exposta, encalhada. Estar debaixo de água nunca dura. Levanto-me, seco-me, visto-me e volto lá para baixo. Paro na cozinha para tornar a encher a tigela de batatas fritas antes de voltar ao meu lugar no sofá.

O televisor está ligado num programa sobre uma mulher 30 anos mais velha do que eu. Ela dá aos filhos beijos de boas-noites, enfia-se na cama com o marido e fica de olhos abertos até ele adormecer. Então levanta-se e sai silenciosamente do quarto rumo à cozinha. Para junto à bancada e pega numa revista. A câmara aproxima-se da loura esque-lética da capa. A mulher pousa a revista e caminha até ao congelador. Tira uma embalagem de gelado e uma colher de sopa e começa a comer o gelado, freneticamente de início,



colherada após colherada, como se estivesse morta de fome. Nunca tinha visto ninguém comer assim. Ela come como eu quero comer, como um animal. Por fim, a loucura no rosto da mulher é substituída por uma expressão distante. Ela continua a comer, mas agora como um robô. Olho para ela e, com vergonha e alegria penso, *Ela é como eu. Está a submergir*. Ela acaba a embalagem, enfia-a num saco e mete-a no fundo do caixote do lixo. Depois entra na casa de banho, tranca a porta, inclina-se sobre a sanita e vomita o gelado todo. O processo parece doloroso, mas depois ela fica sentada no chão e parece aliviada. Fico atordoada. Penso: *É isto que me tem faltado: o alívio. Isto é como desaparecer sem ficar maior. Isto é como continuar submersa*.

Ao fim de alguns meses, estou a vomitar várias vezes por dia. Sempre que sinto a minha não pertença, a minha indignidade — sempre que a minha tristeza aumenta — atenuo-a freneticamente com comida. Então, em vez de tristeza sinto saciedade, que é tão intolerável como a tristeza. A seguir vomito tudo, e este segundo vazio é melhor porque é um vazio exausto. Agora estou demasiado cansada, demasiado abalada, demasiado fraca e desgastada para sentir. Sinto apenas leveza — cabeça leve, corpo leve. E assim a bulimia torna-se o lugar para onde volto uma e outra vez a fim de estar sozinha, de submergir, de não sentir tanto, de sentir tudo, com segurança. A bulimia é o mundo que crio para mim, uma vez que não sei encaixar-me no mundo real. A bulimia é o meu esconderijo seguro e mortífero. Onde a única pessoa que pode magoar-me sou eu. Onde estou distante e confortável. Onde a minha fome pode ser tão grande como é e consigo ficar tão magra como preciso.



Há um preço a pagar por nos afundarmos na bulimia, e esse preço é a relação com a minha irmã. Até eu escolher a bulimia, eu e a minha irmã partilhamos uma vida. Não há nada que seja meu ou dela. Partilhamos até um cobertor. Deito-me na cama agarrada ao meu canto enquanto o cobertor se estende através do quarto até à cama da minha irmã, onde ela segura o seu canto. Dormimos assim, com o cobertor a ligar-nos durante anos. Uma noite ela deixa a sua ponta cair no chão e eu apanho-a, mas ela nunca mais ma pede. Já não precisa do nosso cobertor. Tem menos medo do que eu.

As pernas da minha irmã são compridas e ela usa-as para se mover pelo mundo de forma fácil, bela e confiante. Não consigo acompanhá-la, então construo a bulimia e vivo lá. Como o nosso cobertor, a bulimia é minha e ela não pode tê-la porque não precisa dela. Se houvesse uma imagem do trajeto da minha vida ver-se-iam as nossas pegadas lado a lado e depois ver-se-ia que um dia me sentei na areia e me recusei a continuar a avançar. Pelas pegadas dela seria possível perceber-se que ela ficou parada durante anos, a perguntar-se por que motivo estava eu cheia de medo de continuar a andar. A perguntar-se por que motivo num dia estávamos juntas e no seguinte cada uma de nós estava sozinha.



Agora tenho 13 anos e estou no banco da frente da carrinha *pick-up* do meu pai. Com o olhar fixo na estrada, diz-me que ele e a minha mãe encontraram mais chávénas no meu quarto. Todas as noites levo duas chávénas para a cama comigo — uma cheia de comida e outra para encher com

vómito. Deixo as chávenas debaixo da minha cama, e o seu fedor é um lembrete constante para todos de que não estou melhor. O desespero dos meus pais aumenta. Mandaram-me para o psicólogo, medicaram-me, suplicaram-me, mas nada funciona. O meu banco está mais para a frente do que o banco do meu pai, então sinto-me enorme e demasiado empurrada para a frente. Sinto-me maior do que ele, o que parece uma infração. O meu cabelo está frisado e cor de laranja e a minha pele tão gretada que dói. Tentei disfarçar com base, e agora o líquido castanho escorre-me pelo pescoço. Sinto vergonha pelo facto de o meu pai ter de me levar de carro, de me reivindicar como sua. Quero voltar a ser pequena, suficientemente pequena para que cuidem de mim, suficientemente pequena para desaparecer. Mas não sou pequena. Sou grande. Sou pesada. Sinto-me odiosa e descortês por ocupar tanto espaço nesta *pick-up*, neste mundo.

— Nós amamos-te, Glennon — diz o meu pai.

Isto é embaraçoso para mim, porque simplesmente não pode ser verdade. Então olho para ele e respondo:

— Sei que estás a mentir. Como pode alguém amar esta cara? Olha para mim!

À medida que as palavras saem, ouço-as e vejo-me a dizê-las. Penso: *Glennon. Esta atuação é embaraçosa. Ficas ainda mais feia assim angustiada.* Pergunto-me qual é a minha voz — a dos sentimentos ou a que zomba dos meus próprios sentimentos. Não sei o que é real. Só sei que não sou bonita, então quem diz que me ama di-lo porque ele mandou. O meu pai parece chocado com a minha explosão; para a *pick-up* e começa a falar comigo. Não me lembro do que ele diz.

Sobrevivo à escola como uma baleia poderia sobreviver a uma maratona: lentamente, dolorosamente, com grande esforço e visibilidade. Mas então, durante as férias do verão, a minha pele melhora um pouco e encontro roupas que escondem o meu peso quase inexistente. Nesse verão faço uma descoberta: *Talvez tenha estudado cardumes durante tempo suficiente para fingir pertencer a um. Talvez as raparigas bonitas me aceitem se eu usar a roupa certa, sorrir mais, me rir corretamente, seguir as indicações da líder e não mostrar misericórdia nem vulnerabilidade. Talvez se eu fingir ser confiante e fixe, elas acreditem em mim.* Então, todas as manhãs, antes de entrar na escola, digo a mim mesma: *Sustém a respiração até chegares a casa.* Endireito os ombros, sorrio e entro no corredor como um super-herói de capa. Para os espetadores parece que finalmente me encontrei. Não é verdade, claro.

Encontrei sim uma representante de mim que é suficientemente resistente e moderna para sobreviver ao secundário. A vantagem de enviar a minha representante é que o meu verdadeiro eu não pode ser ferido. Está seguro cá dentro. Então, finalmente, cheguei como outra pessoa. Prendo a respiração o dia inteiro na escola, e quando chego a casa descontraio-me com quilos de comida e a sanita. Este ritmo funciona. Torno-me popular junto das raparigas, que sentem que sei algo que elas desconhecem. Por fim, começo a notar que os rapazes reparam em mim. Quando passo por eles no corredor, experimento mover-me de uma forma que anuncia: agora estou disponível para jogar. E então sento-me no tabuleiro de xadrez e espero que me movam. Como acontece inevitavelmente aos peões, sou apanhada.



Tenho uma memória bastante clara da primeira vez que o sexo me acontece: *Camel Lights*. Certo dia, depois das aulas, encontro-me deitada na cama do meu namorado, a tentar sustentar a respiração sob o peso dele e a perguntar-me quanto tempo durará o sexo. Os Eagles tocam na aparelhagem e as primeiras notas de *Hotel California* fazem-me sentir vazia e receosa. Enquanto o meu namorado se contorce em cima de mim como uma criança enorme e frenética, percorro o seu quarto com o olhar e vejo um maço de *Camel Lights* na cómoda. Há um isqueiro verde por cima na diagonal, e por um momento o isqueiro e os cigarros fazem-me lembrar nós os dois, lançados ao acaso um sobre o outro, para sermos de uso rápido e prático um para o outro. Compreendo que sou o isqueiro. Por fim, ele para de se contorcer, mas permanece deitado em cima de mim. *Hotel California* continua a tocar. Pergunto-me se a duração da música é parte da sua mensagem: *A vida não é apenas misteriosa e sem esperança, mas também demasiado comprida*. Depois dessa tarde, ele leva-me para a lavandaria, na cave dos pais. Estava apenas a tentar tornar especial a nossa primeira vez.

Numa manhã quente no verão a seguir ao 10.º ano, eu e a minha melhor amiga vamos à loja de animais visitar a bicharada. A minha amiga está a pensar em ir para a cama com o namorado e pede-me para lhe dizer como é. Observo os gatinhos que brincam na jaula e reparo que um se esfrega num arranhador. Aponto para aquele gatinho e digo:

— O sexo é assim. Eu sou o arranhador e o Joe salta para cima de mim quando tem vontade. O meu corpo é um brinquedo com que ele gosta de brincar, mas não está interessado em mim. É como se ele me tocasse... mas não estivesse

realmente a tocar-me. O sexo não é pessoal. Por acaso sou a namorada dele, então ele pode brincar com o meu corpo. Parece-me infantil. Como gatos a esfregarem-se nos arranhadores ou crianças a brincarem com os brinquedos umas das outras, mas essencialmente a ignorarem-se. Mas aprendi um truque: deixo o meu corpo lá para ele usar e saio e penso noutras coisas. Em roupas e coisas assim. — Viro as costas aos gatinhos e olho diretamente para a minha amiga. — O sexo não é algo que *faço*, realmente, só acontece ao meu corpo enquanto estou aqui em cima, à espera que termine. Mas acho que o Joe não sabe. Ou se importa.

A minha amiga olha para mim em silêncio. Percebo pela sua expressão que falei demais. Esta não é a pessoa que está autorizada a falar. Não é a minha representante. Espero. Ela diz:

— Isso é tão estranho. Parece divertido na televisão.

— Eu sei — concordo. — Mas não é como na televisão. Não para mim, pelo menos. Mas que se lixe, sabes?

Ela volta para os seus cães e eu para os meus gatinhos. Tenho 16 anos e quero que o meu mundo seja de novo pequeno — apenas gatinhos e cães e a minha melhor amiga.

Algumas semanas depois, a minha amiga tem relações sexuais pela primeira vez. Telefona-me e diz:

— Não sei do que estavas a falar. É a melhor coisa do mundo. É mesmo incrível.

Depois disso deixo de falar sobre sexo. Limito-me a fingir, para o meu namorado e para as mingas amigas, que é incrível. Sexo, amizade, escola, ser eu própria. *Sim, é tudo mesmo incrível.*



Numa tarde de verão, vejo o Joe subir ao palco e aceitar o diploma do fim de curso das mãos do diretor da escola. Enquanto ele e os amigos lançam os seus chapéus ao ar, permaneço encostada à parede, encantada por ser uma parte periférica desta comemoração, por pertencer aqui, com eles. Depois da cerimónia, ele leva-me para a sua casa com Van Halen a ribombar nas colunas do carro. Ali, no lugar do morto, conduzida por aquele rapaz que terminou o secundário — a olhar para as estrelas através do teto panorâmico — sinto-me livre e importante, sortuda e poderosa. Naquela noite, na festa de formatura do Joe, os pais dão-lhe uma prenda: uma caixa de preservativos. Ele vai passar uma semana na praia com os amigos, portanto irá precisar deles, diz a mãe com uma piscadela de olho. Ele ri e a família ri também. Ninguém olha para mim para verificar se me pergunto por que motivo o meu namorado precisa de preservativos numa viagem que vai fazer sem mim. Sorrio. Tão engraçado. Preservativos! *Rapazes*, sabem como é.

O Joe dá-me um beijo de despedida e arranca para a semana de praia com os amigos e os preservativos. Dois dias depois, o Rob, um rapaz que conheço desde a 2.<sup>a</sup> classe, bate-me à porta. Saio para o alpendre e o Rob balbucia um pouco e, em seguida, anuncia com um sorriso nervoso que precisa de me dizer uma coisa. Foi à praia e soube que na noite anterior o Joe dormiu na prisão. Foi preso porque outra aluna finalista o acusou de violação. Toda a gente na semana de praia fala disso, pelo que o Rob quer que eu saiba tudo por ele antes que a notícia chegue a casa. Ele diz-me que o Joe foi libertado sem qualquer acusação no início da manhã por causa de «inconsistências» no relatório da vítima. Agradeço ao Rob, mando-o para casa

e espero que o Joe volte. Pergunto-lhe sobre a violação e ele ri e diz-me que a acusação não é verdade. Não ponho fim à nossa relação. As minhas amigas e eu lidamos com aquilo concordando publicamente que a rapariga que acusou o Joe de violação estava bêbeda, era estúpida, ciumenta e mentirosa. Acho que ninguém acreditou realmente que ela tenha mentido, mas nunca admitimos isso. Não sei se isso é porque simplesmente não nos importamos ou porque estamos a seguir as regras tácitas, mas nunca reconhecidas, que governam a vida na escola secundária. Esta é uma delas: desacreditar e trair outras raparigas para permanecer bem vistas pelos rapazes mais populares. Poucas semanas depois, encontro a vítima no vestiário do ginásio da minha mãe. Quando nos cruzamos, mantenho a cabeça erguida. Ela baixa a dela e desvia o olhar. Sou perpassada por uma corrente elétrica de rebeldia e triunfo.

O Joe e eu continuamos a ouvir Van Halen, a beber e a ter sexo na sala das máquinas durante mais um ano. Quando finalmente ponho fim à relação, ele chora enquanto o observo com descrença. Penso, *Porque estás a chorar? O que estás a perder que valha a pena ter?* Mas não digo nada. Arranjo outro namorado, uma nova cave, as mesmas festas, diferentes marcas de bebidas. Sei como ficar submersa à noite; à luz do dia, esconder-me é mais difícil.



No início do meu último ano, estou no fim da fila para o almoço a segurar o tabuleiro com firmeza e olho para o mar de mesas do refeitório. Tento decidir como parecer distante enquanto procuro uma cadeira vaga. Como vou conseguir atravessar o chão escorregadio com estes saltos? Como vou



impedir o meu vestido cingido de subir com o tabuleiro na mão? Como vou cobrir a minha acne nesta luz fluorescente? Como vou parecer segura enquanto transpiro profusamente? Este é o momento impossível que vivo em cada dia. Centenas de raparigas foram enviadas para este refeitório com dois deveres contraditórios: ser invulneráveis enquanto fazemos as coisas mais vulneráveis possíveis — encaixar-nos na multidão e comer. Este refeitório é como *O Deus das Moscas*, e a única maneira de sobreviver é manter a fraqueza bem escondida. As minhas fraquezas são as minhas necessidades: aceitação e comida. Essas necessidades são demasiado humanas para o secundário. Então fico ali com medo que aquele seja o dia em que o meu eu real, faminto, suado e carente surja perto da superfície e os tubarões o envolvam. Antes de dar um passo adiante, desejo veementemente que tivéssemos lugares marcados. Olho para o mar de rostos e compreendo que estamos a afogar-nos em liberdade. Onde estão os adultos? Precisamos deles aqui.

Demorei demasiado tempo e agora está alguém atrás de mim. Finjo ver uma amiga a acenar-me, e envio a minha representante na direção de ninguém. Por fim encontro um lugar vago numa mesa de celebridades de segunda categoria da escola. Esta mesa não está muito acima ou abaixo de mim — é um sítio bom e seguro. Sento-me e tento fazer conversa, mas é tão difícil. Sinto-me ridiculamente exposta. Não quero ficar enalhada aqui em público. Quero estar sozinha e submersa. A minha ansiedade convence-me a comer demais para o vestido justo que estou a usar. Arrumo o tabuleiro e saio do refeitório em direção ao meu alívio: o cubículo da casa de banho. Quando lá chego, vejo uma

longa fila de raparigas. Sem privacidade não funciona. Continuo pelo corredor em direção a outra casa de banho. Está cheia de raparigas a retocar a maquilhagem, a rir, a tagarelar, a esconder-se. A terceira casa de banho que encontro está avariada. A comida que ingeri está a começar a ser digerida e em breve será demasiado tarde. Estou a suar, o meu coração bate descompassadamente e vejo-me descalçar os sapatos de salto e começar a correr pelo corredor. Alguns alunos viram-se junto aos seus cacifos e observam-me. Estou a fazer uma cena. Vejo-os a observarem-me e algo se quebra dentro de mim. Em vez de procurar uma quarta casa de banho, dirijo-me aos serviços administrativos. A secretária pergunta se tenho hora marcada. Olho para ela e penso: *Quem tem hora marcada quando está tão desesperada? O desespero não é planeado. Se vocês só ajudam miúdos com hora marcada, nunca irão ajudar alguém que precise de ajuda.* Passo pela mulher, abro a porta do gabinete da psicóloga e sento-me diante dela. Ela levanta os olhos dos seus papéis, alarmada.

— Estou tão cansada — digo. — Estou tão desconfortável. Acho que vou morrer. Ligue aos meus pais. Preciso de ser hospitalizada. Não consigo lidar com nada. Alguém tem de me ajudar.

Não sei o que quero dizer. Não sei se isto é uma ameaça de suicídio ou apenas uma observação passiva. Acho que estou a pedir um hospital para o meu corpo, porque desconfio que o meu corpo está a funcionar mal. No entanto, percebo pela maneira como a psicóloga olha para mim que suspeita que é a minha mente que está a funcionar mal. Ela liga aos meus pais, e nessa tarde sou transportada para um lugar para pessoas com mentes perturbadas.



Na recepção do hospital psiquiátrico, eu e a minha família observamos silenciosamente a enfermeira a revistar a minha mala em busca de qualquer coisa que eu possa usar para me magoar. Tira a minha lâmina de depilar e a minha barra de granola, ergue cada uma delas, sorri com ar de quem pede desculpa, depois guarda cada uma dentro de um saco de plástico com fecho, que tem o meu nome. Os meus pais mantêm-se inexpressivos, mas percebo que as suas lágrimas estão logo abaixo da superfície. As minhas lágrimas também estão lá, mas são lágrimas de alívio. *Sim, por favor, penso, leve tudo o que é assustador. Sim, sim. Impeça-me de me magoar. Deixe-me esconder aqui. Diga-me o que fazer, como viver. Sim. Leve, leve, leve tudo.*

A minha irmã também está a assistir. Tem os olhos arregalados e está muito confusa, muito assustada. Percebo que está a tentar ser corajosa, mas ninguém sabe o que é parecer corajoso neste momento particular. Será deixar-me ir com aquela mulher ou pegar-me na mão e tirar-me daqui? Ninguém sabe. A enfermeira diz-me para me despedir da minha família e eu obedeço, despedindo-me primeiro do meu pai, depois da minha mãe, a seguir da minha irmã. Ela está a tremer e tenho de me encher de coragem para não me ir abaixo devido ao horror e à vergonha por que estou a fazê-la passar. Faço o que tenho a fazer. Solto-a e sigo a enfermeira por um pequeno corredor. A minha família fica à porta a observar-me. Paro e olho para eles e sinto-me assustada por me parecerem tão pequenos ali muito juntos no corredor frio, branco e fluorescente. Eles ficam juntos e eu vou sozinha. É assim que tem de ser. Eles são eles e eu sou eu e não tenho

lugar no seu mundo e eles não podem — não devem — ir comigo para o meu. Não precisam do que eu preciso. Dobro uma esquina e eles desaparecem completamente e agora sou só eu, no meu mundo. Entro no meu novo quarto e desfaço novamente a mala. Debaixo da minha roupa encontro um papel rabiscado pela minha irmã. É a letra de uma música.

*Há um herói*

*Se olhares para o teu coração*

*Não precisas de ter medo*

*Do que és*

Precisarei de mais 20 anos para perceber o que minha irmã de 14 está a tentar dizer-me. Parece impossível, mas ela era a única que sabia qual era o meu problema e a forma de o resolver.

Quando acordo de manhã no hospital, a única coisa que tenho de fazer é lavar os dentes. Não preciso de tomar duche, de me vestir ou de me pintar porque aqui não são necessários disfarces. Então lavo-os e, em seguida, vou para o corredor, à espera que a primeira campainha toque para poder fazer fila com os outros pacientes para receber os meus medicamentos. Não há conversa fiada na fila. Toda a gente parece gostar do silêncio. Não há regras sociais implícitas a seguir e, à medida que o alívio me invade, sinto os meus músculos a descontraírem, os ombros a descerem, a respiração a tornar-se mais profunda. Depois de tomar os medicamentos, reunimo-nos para a terapia de grupo. Sentamo-nos em lugares marcados num círculo e olhamos uns para os outros. Contamos as nossas histórias. Se não temos vontade de sorrir, não

sorrimos. A maioria das pessoas não tem vontade de sorrir. Estamos aqui porque estamos cansados de sorrir.

Um dia, uma rapariga com cortes nos braços diz:

— A minha mãe mandou-me para cá porque diz que ninguém acredita numa palavra do que digo.

Olho para ela e quero perguntar: *Ela vê que dizes a verdade nos teus braços? Como eu digo a verdade na casa de banho?* Quando chegamos ao hospital, a maioria das nossas famílias considerava-nos mentirosos insensíveis, mas não começámos assim. Começámos como contadores da verdade ultrasensíveis. Vimos toda a gente à nossa volta a sorrir e a repetir «Estou bem! Estou bem! Estou bem!» e fomos incapazes de nos juntar a eles no fingimento. Tínhamos de dizer a verdade, que era: «Por acaso, não estou bem.» Mas ninguém sabia como lidar com essa verdade, então encontrámos outras maneiras de a dizer. Usámos tudo o que conseguíamos encontrar — droga, bebida, comida, dinheiro, armas, outros corpos. Representámos a nossa verdade em vez de falar dela e tudo se tornou uma maldita confusão. Mas estávamos apenas a tentar ser sinceros.

A minha companheira de quarto chama-se Mary Margaret. A Mary Margaret é anorética. Incapaz de falar com a minha irmã, deixo a Mary Margaret ocupar o seu lugar durante algum tempo. Sussurrámos até meio da noite, todas as noites. Uma noite, depois do apagar das luzes, falo à Mary Margaret do meu bisavô. Explico que ele era um mineiro de carvão em Pittston, Pensilvânia, e que todas as manhãs a minha bisavó lhe preparava a lancheira e o mandava para as minas. Era um trabalho perigoso porque havia toxinas mortíferas e invisíveis nas minas, mas os corpos dos mineiros não eram

suficientemente sensíveis para detetar o veneno. Então às vezes levavam um canário numa gaiola lá para baixo com eles. O corpo do canário era sensível às toxinas, por isso o canário tornou-se o seu salva-vidas. Quando os níveis de toxinas subiam muito, o canário parava de cantar e esse silêncio indicava aos mineiros que deviam fugir da mina. Se os mineiros não saíssem suficientemente depressa, o canário morria e, pouco depois, os mineiros também.

Digo à Mary Margaret que acho que não somos loucas, que somos canários.

— Será possível que não estejamos a inventar nada disto — pergunto —, que estejamos apenas a sentir o perigo muito real no ar?

Digo à Mary Margaret que acho que o mundo é bastante venenoso e que fomos ambas feitas para notar isso. Digo-lhe que os canários são apreciados em muitos sítios. São os xamãs, os poetas e os sábios, mas não aqui.

— Nós somos aqueles na proa do *Titanic* a apontar e a gritar «Iceberguel!», mas todos os outros querem apenas continuar a dançar — digo. — Não querem parar. Não querem saber como o mundo está estragado, então simplesmente decidem que nós é que estamos estragadas. Quando paramos de cantar, em vez de procurar ar puro, eles prendem-nos. É neste sítio que eles guardam os canários.

Falo sobre os canários durante algum tempo e a Mary Margaret está em silêncio, portanto parto do princípio de que está a partilhar a minha epifania. Mas depois de terminar, olho para ela e percebo que está a dormir. Saio da cama e aproximo-me dela. Cubro o seu corpo minúsculo com os lençóis e beijo-lhe a testa. Ela pesa 32 quilos e parece um

pássaro que está demasiado cansado para cantar. Nesse momento pergunto-me se a minha amiga irá morrer em breve. Pergunto-me se morrer é a única advertência que a Mary Margaret deixou ao mundo. Permito-me pensar que talvez aqui estejamos fora das minas. Que talvez neste quartinho despojado estejamos a salvo das toxinas.

Uma noite, muito tarde, a Mary Margaret e eu escrevemos votos a prometer cuidar para sempre uma da outra. Assinamos os votos com lápis de cera porque não podemos ter lápis de carvão. A Mary Margaret faz-me prometer não comer os lápis de cera. Respondi que talvez ela os deva comer. Rimos-nos. Aqui, sentimo-nos suficientemente seguras para rir. Mas quando chega a hora de termos alta, deixamos de rir.



Se eu pudesse voltar à manhã da minha alta, diria aos meus pais: «Sei que tenho de sair daqui, mas não quero voltar para lá, para a escola. Há lá demasiadas toxinas e não consigo respirar.» Mas não digo nada. Garanto a todos que já estou bem. É a semana da festa da escola e fui eleita delegada de turma. Logo depois da minha alta do hospital, sento-me no capô de um descapotável num belo fato azul, a acenar para a multidão que enche os passeios para ver o desfile. A minha mãe e a minha avó conduzem-me através da multidão e sinto a sua esperança. Já passámos por tanto e aqui estou eu, a ser admirada. Para elas isto é uma vitória. Mas eu sei qual é a verdade. Temos de ser conhecidas para ser amadas, e nenhuma das pessoas que acena me conhece. Só conhecem a minha representante. Isto não é um desfile de vitória para mim, mas para ela. É ela que acena e eu sustenho

a respiração novamente, submersa. Ela é a estrela; eu sou a doente mental.

Enquanto aceno, penso no meu estatuto de delegada de turma. Faz todo o sentido. Sou uma boa líder porque sigo as regras. Sei que existem dois tipos de regras no secundário: as superficiais, que os adultos professam, e as ocultas, tácitas mas compreendidas, que são mais verdadeiras e irrefutáveis. As regras ocultas e mais verdadeiras sobre como ser importante enquanto rapariga são: Ser Magra. Ser Bonita. Ser Calada. Ser Invulnerável. Ser Popular por Seguir o Exemplo dos Rapazes Poderosos. Sexo e álcool e transtornos alimentares são simplesmente as formas que uma aluna do secundário tem de honrar as regras ocultas e de chegar ao topo. Da infância à idade adulta. De invisível a relevante. Há um certo tipo de vida que uma rapariga bem-sucedida deve construir, e a bulimia, a bebida e o sexo são simplesmente as ferramentas de que ela precisa para construí-la. A minha faixa significa: *Seguiste as regras ocultas por todos os meios necessários. Sacrificaste a tua saúde e o teu corpo e a tua dignidade, e sempre com um ótimo aspeto. Não perturbaste o universo com nenhum dos teus sentimentos ou perguntas. Mantiveste-te magra. Não ocupaste demasiado espaço. Nunca vieste à tona, e quando precisaste — quando precisaste de oxigénio — afastaste-te e respiraste longe de nós. Nunca sequer te conhecemos. Muito bem.*



Assim que chego à faculdade, procuro um cardume onde me esconder. Encontro-o nas repúblicas. O jogo aqui é novo e velho. As regras, é claro, são: Magreza é Beleza. Beleza é Poder. Poder é Ser Escolhida pelos Rapazes. A diferença



interessante entre a faculdade e o secundário é que aqui as regras tácitas são publicamente reconhecidas. Os tipos de uma república próxima penduram de vez em quando um cartaz à entrada da sua sala de festas que diz: NADA DE GORDAS. Sei desde os 10 anos que *Nada de Gordas* é a regra silenciosa, pelo que é um alívio vê-la visível. Como os homens deixaram de esconder esta regra, nós mulheres deixamos de esconder os nossos esforços para segui-la. Há tantas mulheres abertamente bulímicas na minha irmandade que certa tarde encontra-se um anúncio: «Quando vomitares, por favor, puxa o autoclismo. Parece mal quando as pessoas vêm cá a casa e há vomitado por todo o lado.» Desde que puxemos o autoclismo, a bulimia é aceitável. Mostra dedicação, adesão às regras. *Nada de Gordas*, sabem. Vou para casa depois do primeiro ano e graças a um regime disciplinado de alimentação restrita, excesso de exercício e bulimia, perco sete quilos. Pinto o cabelo de louro, compro uma data de roupa minúscula e volto para o meu segundo ano pronta para jogar. Mais uma vez, sou escolhida.

Começo a namorar um rapaz de uma república exclusiva. É a derradeira vitória ser escolhida por um membro deste grupo discriminador de rapazes. Enganei-os a todos, fazendo-os acreditar que sou uma das beldades. Ando atrelada a este rapaz e os outros tipos da república cuidam de mim e garantem-me acesso a todos os lugares secretos a que quero ir. Estou de novo *in*. Todos os fins de semana, hordas de mulheres esperam, à porta da cave da república, por uma chance de chegar ao princípio da fila, onde um rapaz as analisa uma a uma, de alto a baixo, para em seguida verificar se o seu nome está «na lista». Claro que a sua entrada nunca dependerá

do facto de o nome lá estar. Dependerá do seu aspeto e reputação. Ela precisa de ser boazona ou precisa de ser fácil. Uma dessas duas características é exigida para se ter entrada. Agora pergunto-me: *Porque esperávamos naquela fila? Porque não comprávamos nós a cerveja e dançávamos nas nossas próprias caves?*

Por causa do meu namorado, salto logo para a frente da fila, passando por todas as outras mulheres menos poderosas e menos magras. O acesso a uma outra cave escura é tudo, e eu tenho-o. Ali posso beber até quase perder os sentidos e ser levada para a cama para ter sexo de que não me vou lembrar.

O meu namorado é bom e meigo. Longe da vida no *campus*, amamo-nos. Durante as férias visito-o na sua casa no Midwest, onde conversamos e rimos até tarde todas as noites. Fora do *campus*, podemos ser humanos juntos. Ele escreve-me poemas e planeamos a música que tocará no nosso casamento — o hino do nosso filme favorito de Quentin Tarantino. Mas de volta ao *campus*, não há espaço para o amor. Uma noite, ele deixa uma mensagem terna no meu atendedor de chamadas e um colega dele rouba a cassete. Os rapazes põem-na a tocar numa reunião com toda a república presente. Quando os homens ouvem o meu namorado dizer «amo-te», desatam todos a rir e chamam-lhe mariquinhas. Assim, o meu namorado aprende a desempenhar o seu papel, que é manter-me na cave. Para não ser mariquinhas. A minha função é ser apenas uma vagina. Não busco nenhum interesse na faculdade, além de bebida, rapazes, e arranjar-me para ir beber com os rapazes.

Arranjar-me é a minha constante; é o ritual que me sustém. O processo começa por volta das quatro da tarde,

quando estou suficientemente lúcida para sair da cama e começar a beber novamente. Bebo uma cerveja no duche, fecho os olhos e deixo a água correr sobre mim, lavando a sujidade e o sexo e a vergonha da noite anterior. Depois limpo-me e pego nas minhas ferramentas: secador de cabelo, alisador, maquilhagem, saltos altos, top, saia curta, mais cerveja — e começo o trabalho árduo de me transformar na minha representante radiosa, bonita e à prova de bala. Estou tão orgulhosa deste processo, tão segura de mim mesma aqui, que se fico pronta demasiado cedo recomeço tudo com outro duche. Quando a armadura fica pronta, vou para a cave e fico acordada até tarde com os rapazes e durmo com os rapazes e venço-os em concursos de bebida e riscos de cocaína. Estou a seguir as regras. A ganhar de novo.

Dez anos depois, o meu namorado casará com uma mulher que adoro. Ela dirá que ele levou algum tempo a superar o nosso relacionamento. Dirá que uma noite tiveram uma discussão e ele ficou distante. Ela tinha perguntado: «Em que estás a pensar?» E ele respondera: «Na Glennon. Ela simplesmente não se importava com nada.» A mulher dele sabia que este era o maior elogio que ele podia fazer a uma mulher. Também compreendia que não era um elogio. Qualquer mulher que *não se importe com nada* está simplesmente a abandonar a sua alma para seguir as regras. Não há nenhuma mulher que não se importe com nada — nenhuma mulher é assim tão desprendida — ela está apenas a esconder o seu fogo. Provavelmente, esse fogo está a consumi-la.

**Este livro fala de traição e de redenção. Fala de como uma crise pode tornar-se um trampolim para uma vida melhor. Fala de amizades que magoam e amizades que curam. Fala da fé que acorrenta e da fé que liberta. Fala de como sentir a paz na nossa pele. Fala de sexo, Deus, comida e ternura — e de como o impuro e o divino andam tantas vezes de mãos dadas.**



Glennon Doyle Melton era uma mulher de sucesso. Tinha uma carreira brilhante como escritora, três filhos amorosos e um marido dedicado. Mas, por trás do seu sorriso confiante, escondia-se uma existência manchada pelo alcoolismo, pela bulimia e pela infidelidade — a última peça que fez desmoronar toda a fachada do seu casamento.

No pico de uma crise de identidade, e decidida a marcar a diferença numa sociedade que venera a perfeição, Glennon expôs o seu lado negro, falando abertamente da sua chocante transformação física e emocional: o primeiro episódio que a rendeu à bulimia, as relações falhadas, o alcoolismo como tentativa frustrada de cura para a depressão, um aborto, e todas as lutas que travou contra um sentimento constante de solidão e desapego.

*Guerreira do Amor* é uma ode ao amor-próprio, um manifesto contra uma existência mediana, de uma mulher que encarou a dor de frente para recuperar a sua vida.

  
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-67-1



9 789898 855671

Memória Inspiracional